

Vol XIII, Núm 2, jul-dez, 2021, pág. 384-408.

## **PESSOAS LGBTQIA+ PRECONCEITO E SUPERAÇÃO: MOVIMENTO PARA ALÉM DA DOR E DO SOFRIMENTO SOB O VIÉS DA FENOMENOLOGIA**

Camille Façanha  
Elisabete Gonçalves da Silva  
Janderson Costa Meira  
Ewerton Helder Bentes de Castro

### **RESUMO**

Membros do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT+) relatam continuamente situações em que são execrados, violentados sob várias formas, marginalizados por pessoas que não conseguem conviver com a diversidade. Concomitante a este fato, essas pessoas conseguem realizar o enfrentamento dessa dura realidade, entretanto, é escassa a literatura no que diz respeito a esse modo de ser diante da opressão e da violência, o que já caracteriza a relevância de estudos nesse sentido. Este artigo é oriundo da proposta de projeto de iniciação científica do PIBIC 2020-2021. Assim, o objetivo deste artigo foi compreender no viés da fenomenologia, sob a forma de estudo teórico, o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas e imbricar com a teoria fenomenológica de Martin Heidegger. Percebe-se as várias dimensões do enfrentamento da homofobia e a elaboração de subsídios tem sido construídas ao redor do mundo e em nosso país no sentido de criar fatores protetivos e preventivos relacionados a pessoas do movimento que estão em situação de vulnerabilidade decorrente da violência perpetrada.

**Palavras-chave:** Homofobia; enfrentamento; superação; LGBTQIA+; Psicologia fenomenológico-existencial

### **ABSTRACT:**

Members of the Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT+) movement continually report situations in which they are execrated, violated in various ways, marginalized by people who cannot live with diversity. Concomitant to this fact, these people are able to cope with this harsh reality, however, there is little literature regarding this way of being in the face of oppression and violence, which already characterizes the relevance of studies in this regard. This article comes from the proposal for a scientific initiation project of PIBIC 2020-2021. Thus, the aim of this article was to understand the phenomenological bias, in the form of a theoretical study, the process of coping with and overcoming homophobic situations and to intertwine with Martin Heidegger's phenomenological theory. The various dimensions of fighting homophobia are perceived and the elaboration of subsidies has been built around the world and in our country in order to create protective and preventive factors related to people in the movement who are in a situation of vulnerability due to the violence perpetrated.

**Keywords:** Homophobia; coping; overcoming; Phenomenological-existential psychology

## **INTRODUÇÃO**

A contemporaneidade tem sido caracterizada como um período da humanidade em que o diferente, a diversidade de uma forma geral tem merecido olhar mais profundo da ciência e da própria sociedade. Um desses grupos é o que diz respeito aos participantes do movimento LGBTQIA+ em todo o mundo.

Essa sigla é literalmente traduzida como Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, o sinal + significa que, no que concerne a identidade de gênero, outros elementos vêm somar a estes. A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2018) retira da

condição de "doentes" todos os que experienciam a diversidade no que concerne à sexualidade. Assim, identidade é um constructo tomado, nos dias atuais, como estruturante dos nossos modos de ser, organizadora de nossas experiências de mundo, nada mais representa do que o aprisionamento do existir humano dentro de categorias previamente dadas.

Identities, como diz Trzán-Ávila (2019, p. 56) "se estruturam por hierarquias, ocultamentos e até mesmo aniquilação dos modos de ser desviantes das normatizações". Esse pensamento nos leva a refletir que identidades orientam os campos da visibilidade e invisibilidade, ou seja, determina o que se mostra como sendo e o que não se mostra como não-sendo e, assim, estabelecem como possíveis os campos de visibilidade ou de mostraçõ dos fenômenos é em si a medida condicionadora dos fenômenos (CABRAL, 2018). Dessa forma, concordamos com Butler (2017, p. 16) quando revela: "Eu prefiro existir na subordinação do que não existir".

Contudo, um paradoxo pode ser observado no que diz respeito a identidade de gênero: ao mesmo tempo em que nosso mundo atribui uma determinada identidade de gênero, esse mundo também é condição de possibilidade para que outras identidades ou "não identidade" se dê (TRZÁN-ÁVILA, 2019, p.57). Dessa forma, algumas questões já se tornam necessárias de reflexão: O que a diversidade de identidade de gênero tem provocado atualmente? Como tem sido a relação da sociedade contemporânea com o diferente? Como tem se dado o caminhar de pessoas desse movimento?

Questionamento esse resultado da possibilidade de refletir que o indivíduo, atualmente, é coercitivamente impelido a adotar para si uma identidade de gênero. Nossa sociedade heteronormativa pressupõe que existem apenas duas opções disponíveis, ser homem ou ser mulher, e que essa adoção está diretamente relacionada e orientada por seu corpo biológico. E quando a diversidade se mostra? Lembramos Butler (2017, p. 44) que ressalta: "a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir'" - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não 'decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero'. E quando o 'desvio' ocorre?

As pessoas que 'desviam' da norma de gênero instituída hegemonicamente são levadas à conta de aberrações, inclusive por segmentos de vários saberes. E esse movimento tem sido vivenciado, por essas pessoas, à custa de muito sofrimento, dor e

marginalização. Afinal, mesmo diante de tanto conhecimento de que dispomos atualmente, o olhar ainda embasado na concepção de que ser diferente é erro, é pecado, é marginal.

E a quem transgride, as punições sociais são evidenciadas, das correções cirúrgicas à criminalização, perpassando pela patologização, assédio moral, dificuldades em obter e manter emprego, violência e aniquilamento. Assim, os participantes do movimento LGBTQIA+ têm sido vítimas de ações homofóbicas, transfóbicas, dentre outras, que reverberam em nossa sociedade heteronormativa, considerando-os como antinaturais, doentes, desajustados, aberrações.

E assim, são alvos de uma gama de situações onde experienciam – como ressaltamos anteriormente - a dor, o sofrimento, a violência física e psicológica, o preconceito e a discriminação evidentes direcionadas por membros da sociedade que 'não aceitam' esse outro por ser 'diferente'. Mais uma vez, reportamo-nos à Butler (2016, p. 46) quando nos traz: " aqueles cujas vidas não são "consideradas" potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte".

Cumprido, neste estudo, expressar os modos como os membros do movimento LGBTQIA+ têm enfrentado e superado essas questões que colocam em dúvida sua própria humanidade, sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger.

A vivência da sexualidade tem sido considerada tabu no desenvolvimento da humanidade. Desde tempos imemoriais até a contemporaneidade, o silêncio tem sido o maior de todos os aspectos quando se trata desse elemento tão humano, tão pessoal e por isso, tão individual e, dado a isso, merece o respeito de todos os que estão no entorno.

Torna-se algo mais difícil quando a diversidade da identidade de gênero se faz presente. Temo dizer que, a não aceitação de como o outro é e se apresenta no que diz respeito a sexualidade, em seus aspectos de pessoas lésbicas, gays, transgêneros, intersexual e assexuado, muito tem se escutado acerca da violência em virtude da identidade de gênero, a partir deste momento identificada sob o viés de situação de homofobia, transfobia e congêneres.

A mídia tem intensificado situações relativas a preconceito e discriminação com pessoas da comunidade LGBTQIA+ de modo contínuo, muitas das vezes resultando em agressão física, psicológica e, infelizmente muitas vezes, resultando em morte.

Entretanto, pessoas do movimento em epígrafe, que sofreram essas situações na própria pele, realizaram, à época na qual as situações de homofobia e transfobia ocorreram, experiências de enfrentamento e seguiram adiante em sua construção histórica. Hoje, ao olhar para trás, conseguem perceber que superaram as situações de violência resultantes do preconceito e da discriminação. Contudo, ainda hoje, centenas de jovens têm seu direito à vida sexual cerceado por uma série de normatizações, olhares e atitudes que magoam, discriminam, invadem suas existências.

Assim, desenvolver esta temática, propicia compreender o quão socialmente relevante ela se mostra, tendo em vista que, a pesquisa poderá resultar em trazer modos de enfrentamento e superação de situações caracterizadamente homofóbicas, potencializando nestes jovens que atualmente sofrem, a possibilidade de reconhecer-se e a capacidade para realizarem o enfrentamento necessário e, com isso, superar as barreiras do preconceito impostas pelo entorno social.

Academicamente falando, a relevância está no fato de a partir deste estudo, aprofundarmos o conhecimento sobre essas experiências de ódio, maioria das vezes lançadas sobre essas pessoas ditas “diferentes”, e com isso construir material científico que potencializem o olhar do futuro profissional de Psicologia e áreas afins sobre a situação de homofobia e violência direcionada à diversidade de identidade de gênero.

Problematizamos, enfim, a partir das seguintes questões: a) como pessoas da comunidade LGBTQIA+ enfrentaram as situações de homofobia e violência devido a sua identidade de gênero? b) Como é olhar para trás e verificar que conseguiram superar situações dessa natureza?

O objetivo proposto no projeto de PIBIC 2020/2021 foi compreender o processo de enfrentamento e superação de situações homofóbicas por membros do movimento LGBTQIA+ em Manaus, sob o viés da fenomenologia de Martin Heidegger. Enquanto objetivos específicos, temos: Identificar situações caracterizadamente homofóbicas vivenciadas por membros do movimento LGBTQIA+ na cidade de Manaus; compreender o modo de enfrentamento e ressignificação realizado por membros do movimento LGBTQIA+ manauara das situações de homofobia experienciadas; Elaborar

estratégias de acompanhamento a pessoas do movimento LGBTQ+ que estejam vivenciando situações de homofobia cotidianamente.

Este artigo é oriundo de projeto apresentado no Programa de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC 2020/2021 da Universidade Federal do Amazonas.

## **CONHECENDO A TEMÁTICA**

### **Movimento LGBTQIA+**

A matéria de Soares (2018); Ferraz (2017) publicadas nos sites “Revista Momento” e “Politize!”, respectivamente, realizam abordagens sócio-históricas a respeito da origem da causa LGBTQ e historicizam o processo de busca do reconhecimento, trazendo informações valiosíssimas e pertinentes à compreensão da temática.

No dia 28 de junho de 1969, iniciou-se uma revolta que traria à tona os grupos de pessoas que nenhum heterossexual da época desejava lembrar que existiam: os homossexuais, transexuais, drag queens, entre outros. O bar Stonewall Inn, em Nova York (EUA), era local seguro para estes indivíduos se expressarem até ser invadido por policiais que ameaçaram e prenderam vários clientes daquela noite por estarem usando “vestimentas inapropriadas”.

O público então formou uma rebelião que durou seis dias em resposta a tal acontecimento, que se repetiu por outros bares gays nova-iorquinos; e esta união por um direito em comum construiu a base da luta por direitos da hodiernamente conhecida “comunidade LGBTQIA+”. Um ano após o ocorrido, em 1970, uma paralização de milhares de pessoas aconteceu em homenagem às perdas daquele dia, dando início a chamadas “Paradas LGBTQ” em diversos locais do mundo e a data do evento é comemorada pelos integrantes do movimento como um grande marco.

Todavia, nas décadas que se sucederam, a comunidade permanece sendo analisada por um viés equivocado e injuriada pela perspectiva cultural enraizada de que essas pessoas seriam um problema ao componente social, remetendo à época da Revolta de Stonewall. E, como Sampaio & Germano (2014) bem ressaltam, ser homossexual era considerado uma doença psiquiátrica até meados de 1973; e com a descoberta e o surto da AIDS na década de 1980 houve uma repatologização a respeito do que significava pertencer à comunidade LGBTQIA+. Com isso, construiu-se o pensamento de que

não estar de acordo com os padrões heteronormativos de orientação e identidade sexual sequencia apenas em uma vida de sofrimento e repúdio social (TOLEDO & PINAFI, 2012). Tal condição não traz malefícios apenas ao psicológico dos indivíduos, mas de igual forma ao seu bem-estar fisiológico; uma vez que grande parte dos profissionais da saúde compreende a população homofóbica e recusa-se a atender pessoas da comunidade LGBT com a mesma qualidade e atenção aplicada aos cidadãos pertencentes aos padrões comportamentais instaurados.

Definir “orientação” e “identidade sexual” segue sendo uma tarefa ímproba conforme novas formas de expressão de gênero são descobertas, e procura-se incrementá-las na sociedade de modo que possam ser aceitas. Neste momento convém a colocação de Toledo & Pinafi (2012) quando afirmam que o objetivo terapêutico vai além de fazer o indivíduo LGBT realizar a compreensão de seu ser existente; é simultaneamente deixar claro que o paciente não precisa se encaixar nas perspectivas heteronormativas, mas sim desenvolver sua própria forma de subsistência em meio a uma realidade que não o favorece. A expressão da identidade é uma condição constantemente paradoxal aos indivíduos; pois de forma simultânea a identidade revela o homem e o que o define como ser social, porém tais definições tendem a ser limitadas e pré-estabelecidas pelas padronizações comumente aceitas. Seria a identidade algo que o próprio ser aprisiona e limita? Afinal, desde o nascimento é ensinado que descobrir a personalidade pessoal é fundamental para ocorrer o encaixe do sujeito na vida social; contudo, como fazer isso se as possibilidades se autodefinem apenas entre ser homem ou mulher heterossexual? (TRZAN-ÁVILA, 2019, p.57)

Por conta de tais questões, Toledo & Pinafi (2012) lembram que pacientes homossexuais se sentem mais à vontade sendo atendidos por psicólogos homossexuais, visto que a barreira do preconceito voltado à orientação e identidade sexual não se torna uma questão de difícil compreensão ao profissional. Inclusive, deve haver o cuidado extra para não confinar ainda mais o indivíduo em seu interior, no fim das contas a heteronormatividade já faz isso por si só e o objetivo terapêutico é abrir caminhos de possibilidades. De acordo com Sampaio & Germano (2014), parte considerável da discriminação instaurada ocorre pela nomeada “sexopolítica”, na qual existe uma relação de poder e controle sobre a sexualidade e suas diversificações; e o objetivo é

transformar a sexopolítica em um espaço onde os manifestos das minorias adquiram voz.

Em decorrência aos argumentos supracitados, pessoas da comunidade LBGT sempre existiram na história e após décadas estão começando a descobrir seus respectivos propósitos. E inconscientemente esta minoria despertou amarras e problemas socioculturais que perturbam a ordem natural da heteronormatividade, desde o parâmetro mais expresso, como o preconceito, ao mais interno, como o psicológico. O objetivo dos tópicos seguintes é explorar mais sucintamente essas questões no contexto do movimento e como as mudanças coletivas de pensamento podem determinar o processo de superação de muitas pessoas.

#### **4.1 Preconceito e discriminação (Homofobia, Transfobia)**

A **homofobia** caracteriza um tipo de preconceito em relação às pessoas que possuem **relações homo afetivas**, sejam entre homens ou mulheres. Do grego, a palavra homofobia é formada pelos termos “*homo*” (semelhante, igual) e “*fobia*” (medo, aversão), que significa aversão às relações semelhantes. O termo **homofobia** foi empregado pela primeira vez em 1971, pelo psicólogo nova-iorquino Georgecdxz Weinberg em sua obra intitulada “*Sociedade e a Saúde Homossexual*” (1972), na qual afirma que as pessoas que alimentam a homofobia possuem problemas psicológicos, propondo, dentre outras medidas, a retirada do termo “homossexualidade” da lista de doenças. Basicamente consiste na aversão, ódio a pessoas que optam por ter relações homossexuais ou que de qualquer forma tenha uma orientação diferente da que é aceita pelo seio da sociedade, seria o homossexual visto como anormal ou inferior em relação aos heterossexuais (QUINTÃO & CARVALHO, 2012)

Nas civilizações antigas de Grécia e Roma, a homossexualidade era praticada por muitos e vista de forma natural. As religiões judaico-cristãs foram as propulsoras e propagadoras da intolerância contra os homossexuais relações consideradas atos de perversão o que levou a inúmeras mortes, amputações, castrações, multas, e ainda, diversas torturas psicológicas e físicas.

Para Quintão & Carvalho (2012) esses ideais preconceituosos (homofobia) foram alimentados durante muitos séculos, os quais, mais tarde, a homossexualidade passa a ser considerada uma patologia, doença mental, problema genético e uma aberração. Muitos homossexuais foram forçados a inúmeros procedimentos, bem como viverem

nas clínicas psiquiátricas, os quais eram considerados perigos para a sociedade. Essa situação desumana começa a mudar de panorama a partir da década de 80, com a descriminalização da homossexualidade por diversos países do mundo. Já na década seguinte, a Organização de Saúde retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. Estudos atuais sobre a formação da identidade homossexual, determinam duas vertentes de pesquisas: fatores biológicos ou fatores sociais; embora ainda seja um enigma para a sociedade a atração entre indivíduos do mesmo gênero, o qual levanta questões tais como:

- A homossexualidade é genética ou inata?
- A escolha sexual depende de fatores culturais e sociais?
- Todos os seres humanos são potencialmente bissexuais ou possuem alguma tendência homossexual ou heterossexual?

Ressalte-se que a manifestação da homofobia é expressa de forma variada, uma vez que, ocorre sob a forma de uma simples piada, perpassando por insultos graves e atingindo patamar mais extremo, agressões físicas e como resultado a morte. São tratadas de modo pejorativo e os que agridem, ou seja, os homofóbicos, apresentam como argumento a imposição de sua sexualidade considerada superior às das demais pessoas.

Costa (2012) revela que esse tipo de violência é didaticamente conceituado e classificado. Definida como homofobia o modo de agir que inferioriza, desumaniza, diferencia e distancia o indivíduo homossexual de forma semelhante a outras formas de exclusão como percebido na xenofobia, o racismo, o antissemitismo ou o sexismo. É um fenômeno complexo, invisível, cotidiano e compartilhado. Coloca o indivíduo no lugar de quem não se deve identificar e não tem, conseqüentemente, plenos direitos. A homofobia baliza fronteiras sexuais, gênero, colocando todos os indivíduos que não pertencem à ordem clássica dos gêneros, vítimas da violência homofóbica.

Muito tem sido feito para minimizar os efeitos e a ação nefasta da homofobia. Em nosso país, por exemplo, as uniões civis, desde maio de 2011 são permitidas por lei, com direitos similares aos casais heterossexuais. Contudo, pesquisas recentes apontam para o Brasil como um dos países mais homofóbicos do mundo, as quais, levam em consideração, os ataques violentos aos homossexuais.

Outra perspectiva vem no sentido de engendrar eventos quais a “Para Gay” que apresenta como objetivo denunciar violências contra esse grupo, ao mesmo tempo que busca revelar para a população a existência das violações dos Direitos Humanos. Dessa forma, o grupo LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), que cresce a cada ano, lutam por reivindicações legítimas de reconhecimento da sociedade e regulação da Legislação de Políticas Públicas, como a criação de leis para a comunidade LGBT, a fim de oferecer a cidadania plena para todos os cidadãos.

Uma das maiores autoridades acerca desta temática, Butler (2017) ressalta que os homossexuais são atacados consideravelmente por atos e ações de homofobia que os apontam desde antinaturais até aberrações, passando por doentes e desajustados, afirmações essas que ainda na atualidade encontrem respaldo no saber e na prática de alguns psicólogos no Brasil.

Assim, concordamos com Trzan-Ávila (2019) quando nos revela

Os indivíduos que se desviam da norma de gênero instituída hegemonicamente são considerados aberrantes, inclusive por segmentos dos saberes médico, psicológico, psiquiátrico e legal. As punições que se seguem a quem transgredir as normas de gênero incluem correções cirúrgicas (no caso dos intersexos, antigamente denominados hermafroditas), patologização, assédio moral, dificuldades de obter e manter um emprego, criminalização, violência e aniquilamento (p. 69-60).

#### **4.2 Consequências psicológicas da homofobia**

A população LGBT está vulnerável no que diz respeito aos seus direitos humanos como cidadãos, não apenas no âmbito familiar, mas em todas as áreas de suas vidas. Segundo Kalume, Itaborahy e Moreira (2016) A vulnerabilidade social no Brasil permeia desde as suas diferenças de classes, como gênero, etnia, posição econômica, política entre outros; e para comunidade LGBT não é diferente, desenvolvendo consequências psicológicas graves.

Uma das autoras mais consistentes no que se refere a gênero, Simone de Beauvoir na sua obra *O Segundo Sexo* (2016) referia-se no início de seu texto que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.7), ou seja, gênero é construído e, dessa forma, ao apropriar-se dessa construção de gênero poderia, a princípio, “assumir algum outro que não aquele para onde se destinou” (TRZAN-ÁVILA, 2019, p. 67)

Por não se encontrar enquadrado na heteronormatividade vigente, membros da comunidade LGBTQIA+ têm, no dizer de Butler (2016, p. 46),

Vidas que não são consideradas potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte

No contexto de consequências psicológicas encontramos variados pontos que devem ser considerados, uma vez que, em virtude à violência há o autosilenciamento, o isolamento, a negação de si mesmo enquanto pessoa, o ensimesmamento, medo diante do discurso de ódio que lhe é direcionado, sentir-se marginalizado pela não utilização do nome social, causando estranheza e desolação.

O tratamento pejorativo lança essas pessoas em turbilhão emocional grassando suas forças para lutar contra a discriminação e o preconceito. Torna-se necessário que a sociedade consiga realmente “escutar” e “ver” o que diz a mídia quando é ressaltado e expresso o grande índice de violência contra pessoas do movimento LGBTQIA+. O silêncio social muitas vezes designa acobertamento, manutenção do ato violento como a corroborar com ele. Essa atitude causa medo, temor, receio, pânico e, conseqüentemente, gera dor e sofrimento psicológicos deixando severas marcas nas pessoas. É uma dessas conseqüências, a insegurança!

As conseqüências psicológicas surgem a partir do momento em que o indivíduo se depara com os questionamentos relacionados a sua sexualidade, que envolve discernimento, aceitação e respeito. Descaradamente, existe discriminação e despreparo da sociedade em lidar com as particularidades dessa população, por conseguinte esta tem dificuldades em se assumir pertencentes a um gênero que não o heteronormativo. Neste contexto, as políticas públicas foram feitas para que a população entendesse a comunidade, mas não é isso que ocorre; pois são estabelecidos conceitos e condições baseadas nas perspectivas heterossexuais, que impedem a exteriorização LGBT. Conseqüentemente ocorre a interiorização pessoal causando grandes danos psicológicos, como: rejeição, desnaturalização de identidade, introversão, entre outros (SAMPAIO & GERMANO, 2014, p. 294).

As violências se apresentam de diferentes formas, sejam físicas, negligência social, violência de gênero, abuso sexual, violência psicológica, violência urbana e institucional, de estado entre outros. A sociedade não considera homossexuais como

iguais, portanto, sofrer e pensar neles é “inútil”, como pensar e lutar contra a homofobia se não considero um homossexual como igual? As consequências são potencialmente lamentáveis, agravando os sentimentos de culpa, de solidão e depressão, e variam de indivíduo para indivíduo. O que se faz necessário entender é que a democracia, na prática, não abrange a comunidade LGBT, que conseqüentemente é atacada por ações homofóbicas. Causando nesses indivíduos, dor, medo, angústia, levando-os a atos relacionados muitas vezes a drogas, e até mesmo ao suicídio. Segundo Tzran-Ávila. (2019), existem delimitações: “o que pode ser”, “o que não deveria ser, mas ainda encontra espaço de ser” e “o que não pode ser”; todas são atingidas por alguma forma de opressão e violência, porém a última evidencia exclusão, invisibilidade, vulnerabilidade e preconceito.

#### **4.3 Enfrentamento e Superação**

A história do humano é permeada por uma série de situações que, a *pari passu*, propiciam mergulho no sofrimento e na dor oriundos do externo. Neste caso, vemos o experienciar de atitudes de preconceito e discriminação relacionados à diversidade sexual e ao gênero, caracterizadamente homofobia e transfobia.

Esses momentos, vivenciados sob extremada angústia, representam experiência em que esse outro é lançado em verdadeiro turbilhão emocional e, muitas vezes físico, haja vista que, a violência é impetrada contra membros da comunidade LGBTQIA+ provocando lesões físicas que, maioria das vezes, doem menos que as dores psicológicas resultantes da agressão.

Sonetti & Garcia (2020) em seu estudo acerca da escola e a diversidade sexual e de gênero, asseveram que a heteronormatividade tem sido afirmada e reafirmada através de aprovações de leis que desconsideram a identidade de gênero e de medidas que reforçam o preconceito e discriminação em torno de diversas formas de expressão da sexualidade e gênero. Esse desrespeito e as diferentes formas de violências dele advindas são desfavoráveis à saúde mental e física de pessoas que não se enquadram na cisheteronormatividade, fazendo então da escola um ambiente potencialmente lesivo a alunos e funcionários LGBT. Ao mesmo tempo, há a possibilidade de a escola exercer um papel protetivo, ao promover o debate e educação sobre sexualidade, o que tem sido pauta de movimentos sociais ao reivindicarem mudanças nas leis e diminuição da influência do conservadorismo presente no meio político.

Costa *et al* (2013) ressalta que pessoas LGBT têm vivenciado situações de vulnerabilidade social em virtude de não experienciar o padrão heteronormativo vigente em nossa sociedade e daí, passam a sofrer represálias – algumas subliminares – até violências físicas e emocionais. A esta rejeição e/ou ódio direcionado a lésbicas, gays, travestis e transexuais atribui-se o nome de homo/transfobia.

Situações essas permeadas pelo desqualificar o outro, considerando-o inferior ou anormal, fora do universo dos humanos; além de um conjunto negativo de emoções, tais como: aversão, desprezo, desconfiança, desconforto ou medo, constituindo-se, assim, em fenômeno social relacionado a discriminação, preconceito e violência contra a população LGBT (BORRILLO, 2010; JUNQUEIRA, 2009).

No que tange ao enfrentamento, institucionalmente alguns aspectos têm sido levados a efeito, tais como: o programa Brasil Sem Homofobia, lançado em 2004, e as Conferências LGBT de 2008 e 2011 elaborando relatórios e planos, e a criação por secretarias municipais e estaduais de secretarias e departamentos que se ocupam “da diversidade sexual e o combate “a discriminação” (MONTEIRO, MACHADO & NARDI, 2011, p. 114).

Por outro lado, algumas estratégias são vivenciadas por pessoas LGBT, dentre elas a proteção por um “manto de invisibilidade, geralmente associado a uma atitude discreta, até a adoção de postura mais combativa, onde sua decisão e possibilidade de vir bancar o seu lugar diante dos conflitos familiares que surgem e da questão da subjetivação militante. Estas estratégias, contudo, não são apenas de criação individual, mas são parte de um repertório ao qual essas pessoas recorrem dependendo, entretanto, de seu posicionamento frente à sexualidade e da situação em questão.

Estudo realizado por Herrick, Stall, Chmiel et al (2013) com 1.541 homens gays e bissexuais, cujo foco foi a resiliência através do IHPO (resolução de homofobia internalizada) ao longo do curso da vida e suas associações com os resultados atuais de saúde, demonstraram que os homens que resolveram o IHP tiveram chances significativamente maiores de resultados positivos para a saúde em comparação com aqueles que não fizeram, ou seja, a resiliência está associada a resultados de saúde positivos. Concluem que compreender as resiliências e incorporá-las às intervenções pode ajudar a promover saúde e o bem-estar entre homens gays e bissexuais.

Outra pesquisa, realizada por D'haese, Dewaele & Van Houtte (2016) acerca de como lésbicas, gays e bissexuais lidam com a violência de forma limitada. E o estudo em questão enfocou a evitação, o coping orientado para o problema e o coping orientado para a emoção como estilos gerais de enfrentamento. Chama a atenção para o fato de que o gerenciamento da visibilidade é utilizado como estratégia de enfrentamento que pode ser aplicada em um contexto heteronormativo. Colaboraram com o estudo 1402 lésbicas, gays e bissexuais flamengos. Mostram que os estilos de enfrentamento e gerenciamento de visibilidade têm um efeito direto na saúde mental.

### **Fenomenologia de Martin Heidegger**

O filósofo alemão nascido em Messkirch, Alemanha, em 26 de setembro de 1889, teve formação filosófica na Universidade de Freiburg-im-Breisgau. Nesse período foi aluno de Edmund Husserl, criador do método fenomenológico e de Ricket.

Husserl inicia todo o movimento de elaboração de seu método a partir da leitura de Brentano na obra “Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles” há um despertar de seu interesse pela Filosofia, tendo em vista ser matemático. Heidegger estudou Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski, além do interesse por Hegel e Schelling, pelos poemas de Rilke e Trakl e as obras de Dilthey. Tais estudos levaram-no a questionar a orientação da metafísica ocidental (CASTRO, 2009; 2017).

Seu posicionamento filosófico pretende e recoloca a questão do Ser, um dos pilares fundamentais da filosofia. O filosofar heideggeriano é uma interrogação constante sobre essa temática, redimensionando seu olhar para o ser humano.

Heidegger (2013) propõe-se a tratar da questão do sentido do Ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (*pre-sença*) que, como totalidade estrutural, se mostra na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo, quais sejam: próprias e impróprias. Isto significa que ser humano é saber-se incompleto, lançado no mundo independentemente a seu querer, experienciar no cotidiano de modo único, muitas vezes podemos dizer equivocadamente, entretanto, um ser-possível de realizações. Somos assim, possibilidade, livres para agir, pensar. Cada um de nós, seres humanos, enquanto Ser-Aí, ser-no-mundo, somos únicos, singulares em nossa pluralidade, pluridimensionais em nossa dimensionalidade.

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico idealizado por Husserl, sobre a questão do Ser, de onde faz seu ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein* – *Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

O filósofo da Floresta Negra, como o chamaremos a partir deste momento, o Ser do homem não pode ser identificado através da objetividade, sofrendo o reducionismo da filosofia ocidental. O *Dasein* não pode ser considerado como, uma vez que ele é o ente que possui o ser-das-coisas, para o qual as coisas estão presentes, O *Ser-aí* é um ser de possibilidades, é sempre aquilo que pode ser. Significa dizer que a cada um de nós é possibilitado redimensionar o olhar sobre si mesmo, sobre o mundo, sobre a vida e sobre o outro.

Há um retorno da filosofia para o ser (ontologia), que, doravante, estaria aberto, livre, pronto para eleger o que frente a ele se apresentasse. "Ser-no-mundo é morar no mundo", e não estar tenuamente ligado a ele. Característica fundamental do ser humano é o fato de não estarmos no mundo à passeio, que precisamos agir sobre a realidade e nos percebermos enquanto possibilidade, poder-ser.

"Ser", para Heidegger é ser as próprias possibilidades: é fazer-se ser. Algumas pessoas aceitam as coisas assim como são, sobrevivem apenas, "vivem" o seu cotidiano sem grandes inquietações, sem voltar-se sobre si mesmos. Outros, ao contrário, "existem", testam os limites da vida, lançam perguntas, indagam, enriquecem o ser, angustiam-se, querem fugir do tédio e da ansiosidade, sensibilizam-se. E nesse sentido, não se permitem acrisolar em certezas absolutas, pelo contrário, percebem-se enquanto o próprio questionamento do existir. Afinal, *ec-sistir* é estar aberto, é permitir-se, é possibilitar-se.

Três aspectos estão presentes na primeira parte de sua maior obra, Ser e Tempo (1927/2013) onde descreve a vida cotidiana do homem, considerada por ele como uma forma de existência inautêntica: facticidade, existencialidade e ruína.

A inautenticidade refere-se ao distanciamento do homem de sua condição real, de como ele se ocupa do mundo e distrai-se de sua condição enquanto um ser mortal.

Necessário frisar que este pensar refere-se ao movimento que muitas vezes cada um de nós realiza no dia a dia, o de importarmos-nos excessivamente com algumas questões que, conforme as vivenciamos, lá adiante percebemos que não passaram de pura perda de tempo e energia.

A autenticidade é justamente quando o homem pode conviver com sua condição enquanto ser-para-a-morte. O homem é um ser de possibilidades infinitas, as quais ele vai "escolhendo" realizar enquanto vive, mas esta possibilidade da morte é a única que lhe é dada como certa. Isto não significa que, devamos continuamente estar pensando na nossa possibilidade última. Pelo contrário, Heidegger nos propõe refletir acerca do que estamos realizando em nossa caminhada pelo mundo; o quanto estamos contribuindo com o outro, com a vida, com o entorno em que estamos alocados.

Na segunda seção de sua obra, surge a noção de *angústia*. Esta se faz presente quando o homem passa a assumir-se nesta projeção futura da morte. A angústia, segundo Heidegger, possibilita que o homem possa resgatar-se do viver cotidiano indo ao encontro de sua totalidade. Ela está sempre presente tanto no distanciamento quanto na aproximação do eu, podendo ser vivida como medo no distanciamento. Considerando esta perspectiva, vale ressaltar que, no concernente a este termo, significa dizer que não sabendo o que vai ocorrer consigo mesmo daqui a um segundo, o ser humano experiencia continuamente a angústia de não poder realizar seus sonhos, atingir seus objetivos, facultando assim, o angustiar-se primordial relativo ao ser humano em sua possibilidade diante da impossibilidade do poder-ser.

O filósofo vai fazer referência acerca do que denomina com o termo existencial. Primeiramente, existencial diz respeito ao ser-no-mundo, estrutura de realização que possibilita a “visão penetrante da espacialidade da *pre-sença*” (HEIDEGGER, 2013, p.94). Deve ser compreendido como o ato em si mesmo de nos compreendermos enquanto possibilidade de realizarmos nossas perspectivas, anseios, objetivos e metas.

Outro existencial é o *ser-em* que transcende a noção ôntica da inclusão no espaço; que diz respeito a um estar junto, lançado em um mundo que se habita, sem que se possa ter tido a possibilidade da escolha, e este estar-lançado da *pre-sença* em um mundo que não foi escolhido e que, por sua vez, pode revelar-se inóspito ou não, Heidegger nomeia como facticidade. Significa que ao experienciar o cotidiano, ocupamos um lugar – que não quer dizer o ponto espacial – mas a situação que nos vem

ao encontro que, a seu modo, pode ser vivida sob o viés do prazer ou do desprazer, da alegria ou da tristeza.

Heidegger (2013) caracteriza a facticidade do *Dasein* como sendo o ser lançado em um mundo sem que lhe seja propiciada a possibilidade de escolher país, cidade, família e classe social. Dessa forma, o *Dasein* estará submetido a contingências políticas, econômicas e sociais, culturais e históricas (CASTRO, 2009). Dessa forma, este constructo pode ser compreendido com o fato de que em nosso cotidiano somos levados a experienciar as mais diversas situações que, maioria das vezes, não sendo escolhidas, causa-nos surpresa, nos tira do lugar seguro que até aquele momento nos encontrávamos.

Mundo, outro conceito trazido pelo filósofo. Em relação a isto, Heidegger vai fazer uma distinção acerca da concepção de mundo considerado ôntica e ontologicamente. Assim, enquanto no conceito ôntico, mundo é o elenco das coisas que nele estão, configuradas e descritas, ao conceito ontológico, para conceituar mundo de acordo com Heidegger torna-se necessário compreender outro termo, mundanidade. Segundo o próprio autor, mundanidade constitui-se “na estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2013, p.104), ou seja, no dizer de Forghieri (2011, p.29) “o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe”. *A pre-sença*, assim compreendida, não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se encontra num mundo, como parte essencial de sua existência, portanto, daí o termo ser-no-mundo (CASTRO, 2009; 2017; 2020).

Heidegger pontua que torna-se premente compreender esse mundo e que têm como característica serem fundamentais e simultâneas: o mundo circundante, o mundo das relações e o mundo pessoal, sendo o primeiro (mundo circundante) o relacionamento que o homem estabelece com o meio, com o ambiente, e envolve tudo o que de concreto está presente nas situações vivenciadas pela pessoa, ou seja, aqui estão presentes as instituições e ambientes, as regras e normatizações da sociedade na qual estamos inseridos.

Maia & Castro (2020) compreendem o mundo humano como sendo a relação que estabeleço com o outro. Esse outro semelhante que comigo caminha, que faz parte da minha historicidade, que cotidianamente é meu acompanhante, percorre cominho o caminhar. Heidegger (2013) considera que tendo em vista a existência se revelar como a

essência da *pre-sença*, esta somente poderá ser analisada em sua relação com os outros, ou seja, a partir de seu mundo de relações. O autor considera esta como a mais fundamental característica do existir humano.

Preciso refletirmos sobre outro conceito: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. É meu olhar sobre o outro que caminha comigo cotidianamente. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”, ou seja, tomo toda a responsabilidade as escolhas e decisões do outro, eu o sufoco na perspectiva de que não pode sofrer, que o amo. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do Ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo. Dizendo de outro modo, significa que acompanho esse outro em seu caminhar, posicionando-me na condição de possibilitar esse caminhar, do estar junto a esse outro, do presentificar-me.

Ao ser-no-mundo cabem algumas questões que Heidegger considera também fundamentais: O pensamento heideggeriano se aprofunda ainda mais distinguindo outros termos que caracterizam o ser-no-mundo: disposição, compreensão e discurso.

A disposição ou humor é o existencial a partir do qual a *pre-sença* se depara com sua abertura, com sua possibilidade. Assim, ao deparar-me com determinada situação, diante desta me disponho ou não, dependendo de meu estado de humor, enfrentá-la ou me deixar permanecer de modo inautêntico.

A compreensão, por sua vez, revela a *pre-sença* a si própria, tornando-a capaz de ser, conduzindo-a às suas possibilidades, uma vez que possui a estrutura existencial de projeto, que se refere à abertura do ser-no-mundo e, desse modo, de acordo com Castro (2009, p.45) “na compreensão do mundo se faz compreendida, então, a própria existência”. O discurso, por sua vez, é onde o fenômeno se mostra a si mesmo.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, a partir do fenômeno da morte, tal como se mostra em seu pensamento, se afastará da concepção mecanicista e exterior até então vigente. O seu ponto de partida é a interpretação da morte como um fenômeno da vida. “A morte – assinala Heidegger (2013, p. 245) – no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida”. Para quem é obstinado a vida continua a ser só vida. Para eles a morte é morte, e somente isso. Mas, o ser da vida é, ao mesmo tempo, o ser da morte. Percebe-se que

tudo o que começa a viver, também começa a morrer, ou seja, a morte é, simultaneamente, vida.

O interesse de Heidegger (2013) no que concerne à morte não reside tanto na determinação da morte como um sucesso terminal ou meramente pontual – o ato mesmo de morrer – quanto à presença da morte em um continuum vital. Dessa forma, o que interessa a Heidegger não é tanto a morte ser um acontecimento terminal, mas à morte ser uma estrutura da existência humana. O que interessa, na realidade, não é uma análise ôntica da morte, mas uma análise ontológica ou, como ele denomina, uma análise existenciária. A compreensão ontológica – existencial revela a morte como uma estrutura do ser do homem, um existencial do próprio homem em sua estrutura existencial de ser-para-a-morte.

Heidegger (2013) distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser. Na reflexão deste filósofo há sempre, no *Dasein*, uma tensão constante, presente, resultando em uma inquietação relativa ao tempo, entre aquilo que o Ser-aí é, o seu devir e seu passado. A vivência da temporalidade pode dar-se na inautenticidade assim como na autenticidade. A vivência da autenticidade da temporalidade dá-se através da inquietação, que possibilita com que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. A inautenticidade dá-se no distanciamento de si próprio, como se fosse levado pelo destino.

Alguns conceitos/ideias são considerados fundamentais na Ontologia Heideggeriana. Dentre estes podemos citar: viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez; afinal, habitamos num mundo inóspito, somos lançados no mundo e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitalidade. Assim, no pensamento deste filósofo a não-pertença ao mundo, seja este natural ou artificial, é vivido pelo homem como uma experiência de desalojamento, desamparo que ele quer a todo custo superar. Entretanto, este desamparo é a condição de liberdade para o próprio homem (CASTRO, 2009; 2017; 2019).

Considerando estes aspectos, Heidegger ressalta ainda em *Ser e Tempo* (2013) que a experiência da vida é, originalmente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade e que a segurança não está em

parte alguma. Contudo, em seu pensamento não caracteriza, este aspecto anteriormente descrito, como deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza. Para o filósofo o Ser do homem pode ser conhecido a partir de seu discurso.

Trabalhar com o discurso significa opção pela linguagem e em Heidegger (2003), a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz: o meio de um organismo se manifestar. Ao afirmar que a linguagem é a morada do ser é porque, para ele, o que existe antes de tudo é o Ser, sendo que o pensamento pode pro-mover a relação do Ser com o homem e a linguagem é parte decisiva desse encontro. Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala do Ser, a fim de conseguirmos morar na sua linguagem, isto é, na fala de outro Ser e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Dessa forma, “não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem”. (HEIDEGGER, 2003; p.9).

Pensar a linguagem significa alcançar de tal modo a fala que essa fala aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos homens.

A dificuldade da resposta, se é que existe, está exatamente em tornar demonstrável algo já dado que apenas se revela, isto é, desvela o já existente e inerente ao ente. O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O Dasein, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2013) é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo.

Enquanto que as coisas singulares pertencem ao mundo uma vez que se inserem numa rede de correspondências, de significações (cada coisa é remetida para outras, como efeito, como causa, como instrumento, como sinal, etc.), o mundo como tal, no seu conjunto, não tem correspondências, é insignificante; a angústia registra esta insignificância, a gratuidade total do fato do mundo existir. A experiência da angústia é uma experiência de 'desenraizamento' (PORTO & CASTRO, 2020; CASTRO, 2020)

Vale dizer, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, se reconhecer pertencendo. É não se sentir em casa como diz o próprio Heidegger (2013), quando se

refere à estranheza na angústia. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A tempestade do ser (CASTRO, 2009; 2017; PEREIRA & CASTRO, 2019; SOARES & CASTRO, 2020; SILVA & CASTRO, 2020).

Um ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado - como processo de constituição da *pre-sença* - se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da pre-ocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente. O fechamento do ser do ente, a “escassez” da *ek-sistência*, significa dizer que se é mais do “ente” do que do “ontos”.

### **Considerações e imbricação com o pensamento fenomenológico**

Imbricar a teoria heideggeriana com o postulado pela teoria ou teorias que fundamentam a perspectiva LGBTQIA+ é, sem dúvidas, sobremaneira importante para a compreensão das várias dimensões da existencialidade que aí se fazem presentes.

Estudos realizados nacionalmente (FRANÇA & SILVA, 2018; SOARES, 2018; FERRAZ, 2017; RONDINI, TEIXEIRA FILHO & TOLEDO, 2017; TOLEDO & PINAFI, 2012) e internacionalmente (ANDÚJAR, 2019; BROWNIE, 2019; GOYER, BLAIS & HÉBERT, 2015; OSORIO & ROUSELL, 2015), dentre outros, nos trazem as concepções acerca do ser-membro do movimento LGBTQIA+, ou seja, caracterizam essas pessoas com suas dificuldades relativas ao ser-diferente. Ora, considerando o que a fenomenologia heideggeriana pressupõe, ser-no-mundo sendo do movimento significa dizer que são ser-no-mundo vivenciando a sexualidade pressuposta pelo outro como diferente, equivocada, pecaminosa.

São, deste modo, maioria das vezes, conduzidos a experienciar dor e sofrimento diante desse olhar que machuca, que discrimina. A este movimento, Heidegger (2013) ressalta ser a vivência do ser-com-o-outro de modo inautêntico, uma vez que, essas situações são resultado de ações preconceituosas e discriminadoras.

Contudo, apesar de um “dos outros” agir dessa forma esclarecida acima, outros por sua vez, apoiam, pesquisam junto aos mais variados agrupamentos sociais, constroem subsídios para a elaboração de políticas públicas direcionadas a esse público que culminam nos aspectos protetivos e preventivos à ações discriminatórias e

preconceituosas. É a possibilidade de compreender o outro enquanto possibilidade, enquanto poder-ser (CASTRO, 2017; 2019; 2020).

Concomitantemente, estudos nos trazem aspectos relacionados ao próprio enfrentamento ao preconceito, à violência física e psicológica, à discriminação experienciado por grupos de pessoas do movimento LGBTQIA+, nos níveis nacional e internacional. A esta questão, trazemos a perspectiva heideggeriana de compreensão – conseguir perceber que existe a possibilidade de ir além da situação em si mesma – ou seja, essas pessoas se percebem capazes e conseguem redimensionar a facticidade – o ato preconceituoso, violento ou discriminatório – tornando-se e, mais que isso, mostrando-se capazes de seguir suas vidas independentemente a quaisquer fatores que lhes sejam contrários a esse pensar (CASTRO, 2017; 2019; 2020; DJUMOVIC et al., 2019; SWIMELAR, 2019; ÁVILA, 2018).

Dentre os grupos sociais que estão a cada dia mais envolvidos com a perspectiva de compreensão do que é ser-diferente dada sua orientação sexual e/ou sua identidade de gênero, está o sistema de ensino e o de saúde.

A proposta de discutir essa temática com estudantes do ensino fundamental e médio tornou-se um dos elementos mais fundamentais para a prevenção da violência contra essa parcela da população, os participantes do movimento LGBTQIA+. Nesse sentido, a informação trabalhada permitirá maior sensibilização para o nicho de fragilidade e vulnerabilidade existenciais relativos à ações caracterizadamente violentas e marginalizadoras (BROWNIE, 2019; SWIMELAR, 2019; ÁVILA, 2018; PARENTE, MOREIRA & ALBUQUERQUE, 2018; ARIMA & FREITAS, 2017; OSORIO & ROUSELL, 2015).

No que concerne à saúde, temos hoje em nosso país e a poderíamos estender para o nível mundial, as perspectivas trazidas por estudos para que políticas públicas de saúde sejam elaboradas pensando a pluridimensionalidade do ser-no-mundo-sendo LGBTQIA+. Concomitantemente a este fato, os próprios participantes do movimento têm se mobilizado no sentido de pressionar por essas políticas. É a disposição heideggeriana em franca evidência. É o cuidado que o filósofo da Floresta Negra pressupõe como o maior de todos os fundamentos do Dasein. São várias as propostas já levantadas a partir de estudos nos cinco continentes (BROWNIE, 2019; SWIMELAR,

2019; ÁVILA, 2018; PARENTE, MOREIRA & ALBUQUERQUE, 2018; ARIMA & FREITAS, 2017; OSORIO & ROUSELL, 2015).

### À guisa de considerações finais

Pensar fenomenologicamente o movimento de ser-no-mundo sendo LGBTQIA+ em nosso país diante de ações de preconceito, violência e discriminação, significa se posicionar politicamente, enquanto cidadão que paga seus impostos, que trabalha, que contribui para que a sociedade se torne mais justa, mais equânime, mais solidária e, por que não, generosa?

Apesar dos avanços na situação social vivida por lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans (LGBT) nos últimos anos em todos os países do mundo, eles continuam a ser objeto de discriminação devido à persistência de estereótipos homofóbicos, transfóbicos e sexistas profundamente enraizados nas sociedades de forma geral. Por isso é necessário seguir trabalhando no combate a esses tipos de discriminação nas várias esferas da vida pública. Nisso empenhar-se no papel das administrações públicas em colaboração com as associações LGBT é um fator crucial para garantir igualdade, liberdade e respeito à diversidade de seus cidadãos, independentemente da orientação sexual e expressão de gênero.

A Fenomenologia de Heidegger propicia que redimensionemos o olhar para além das questões puramente sexistas e heteronormativas. Possibilita repensar o cuidado, o olhar sobre o outro, as relações nos mais variados ambientes, a possibilidade de construirmos propostas que previnam a violência, o preconceito e a discriminação.

Percebe-se que antes de quaisquer fatores o outro deve ser considerado em sua singularidade, em sua pluralidade, em suas várias dimensionalidades do existir humano. Desse modo, potencializar o enfrentamento e a superação de situações dessa natureza, requer que todos, sem exceção, possamos ir além de questões cujo cerne é a marginalização do outro.

### REFERÊNCIAS

ANDÚJAR, A. G. Concepciones del alumnado de último ciclo de la ESO sobre las intersexualidades, las identidades trans y las no-heterosexualidades. *methaodos. revista de ciencias sociales*, 2019, 7 (1): 55-73  
ISSN: 2340-8413 | <http://dx.doi.org/10.17502/m.rcs.v7i1.284>

ARIMA, A. C. & FREITAS, J.L. de. O luto velado: a experiência de viúvas lésbicas em uma perspectiva fenomenológico-existencial. *Trends in Psychology*. Dez 2017. Vol 25, Nº 4, 1467-1482  
[doi: 10.9788/TP2017.4-01.Pt](https://doi.org/10.9788/TP2017.4-01.Pt)

ÁVILA, R. *LGBTQI inclusive education report*. Brussels : YGLYO, 2018

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 25-40.

BOWNIE, E. *Gender norms, LGBTQI issues and development: a topic guide*. ALIGN, 10 nov 2019.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? - 2ª ed.* - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2016

CABRAL, A.M. *Psicologia pós-identitária: da resistência à crítica das matrizes cristãs da psicologia moderna* - Rio de Janeiro : Via Verita, 2018.

CASTRO, E. H. B. *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger*. 2009.182 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia e psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Curitiba: Appris, 2017.

\_\_\_\_\_, A clínica psicológica em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares. In: CASTRO, E.H.B. de *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica*. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176

COSTA, A. B.; PERONI, R. O.; BANDEIRA, D. R.; NARDI, H. C. Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. *Int J Psychol*. 2013; 48 (5):900-9.

COSTA, D. M. C. Descortinando a homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis , v. 20, n. 2, p. 585-587, Aug. 2012.

D'HAESE, L.; DEWAELE, A. & VAN HOUTTE, M. Homophobic Violence, Coping Styles, Visibility Management, and Mental Health: A Survey of Flemish Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals, *Journal of Homosexuality*, 63:9, 1211-1235, 2016, DOI: [10.1080/00918369.2016.1150057](https://doi.org/10.1080/00918369.2016.1150057)

[DJUMOVIC, S. Z. et al. Media reporting and references guide on LGBT issues. KMOP – Social Action and Innovation Center & colour Youth Athens LGBTQ Youth Community – Athens, 2019](#)

FERRAZ, T. *Movimento LGBT: a importância da sua história e do seu dia*, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento>. Acesso 18.05.2021

FRANÇA, A. N. & SILVA, S. G. da. *A trajetória política do sujeito homossexual na luta por direitos. REBEH: Revista brasileira de estudos da homocultura*. Vol 1, N° 4, out - dez, 2018.

GOYER, M. F.; BLAIS, M. & HÉBERT, M. *Intimidation homophobe, stratégies d'adaptation et intégration de l'orientation* *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 187-194, set.-dez. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1489>

HERRICK, A.L.; STALL, R.; CHMIEL, J.S. *et al.* It Gets Better: Resolution of Internalized Homophobia Over Time and Associations with Positive Health Outcomes Among MSM. *AIDS Behav* **17**, 1423-1430 (2013). <https://doi.org/10.1007/s10461-012-0392-x>

JUNQUEIRA, R. D. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF: MEC; Secad; Unesco, 2009

OSORIO, J. M. P. & ROUSELL, H. B. A. Homofobia em estudantes universitários de Mexico. *Región e Sociedad*. Año XXVII, N° 64, 2015.

PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. dos & ALBUQUERQUE, G. A. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no nordeste brasileiro. *Rev. Salud publica* 20 (4) : 445-452, 2018

PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B. de. *Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa*. In: CASTRO, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* - 1ª ed. - Curitiba : Appris, 2019 p.15-32.

QUINTÃO, F.F. & CARVALHO, M.S. da. Homofobia: análise histórica do fenômeno homossexual e sua possível criminalização. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/32379/homofobia-analise-historica-do-fenomeno-homossexual-e-sua-possivel-criminalizacao>. Acesso em 20 de out de 2020

RONDINI, C. A. ; TEIXEIRA FILHO, F. S. & TOLEDO, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP*. 2017 I volume 28 I número 1 I 57-71

SAMPAIO, J. V. & GERMANO, I. M. P. (2014). Políticas públicas e crítica queer algumas questões sobre identidade LGBT. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 290-300.

SOARES, M. A. O movimento LGBT: Um panorama histórico e social das Paradas da Diversidades e a importância desse movimento nas instituições de fomento à informação no Brasil. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/09/o-movimento-lgbt/> Acesso em 15 de out 2020

SONETTI, S. L. & GARCIA, M.R.V. Ensinando a diversidade ou a transfobia? Um panorama da educação sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas da região de

Sorocaba e sua intersecção com saúde mental. *Revista Prâksis*. Novo Hamburgo, a. 17, n. 1, jan./abr. 2020

SWIMELAR, S. LGBT Rights in Bosnia: the challenge of nationalism in the context of europeanization. *Nationalities Papers* (2019), 1–23  
doi:10.1017/nps.2019.65

TOLEDO, L. G. & PINAFI, T. A clínica psicológica e o público LGBT. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137 – 163, 2012

TRZAN-ÁVILA, A. *Identidade de gênero : performatividade, ser-aí e subversões - 1ª ed.* - Rio de Janeiro, RJ : IFEN, 2020

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The 11th Revision of the International Classification of Diseases, 2018. Disponível <https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http://id.who.int/icd/entity/411470068>

**Recebido: 20/4/2021. Aceito: 14/6/2021.**

**Autores:**

**Camille Façanha** - Discente do Curso de Letras – Língua Japonesa da Universidade Federal do Amazonas.

**E-mail:** camillefacanha13@gmail.com

**Elisabete Gonçalves da Silva** - Discente do Curso de Psicologia da Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM).

**E-mail:** elisabeteg74@gmail.com

**Janderson Costa Meira**- Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Membro do Labfen.

**E-mail:** jandersoncosta336@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

**Ewerton Helder Bentes de Castro** - Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Labfen.

**E-mail:** ewertonhelder@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>.